

Economia - Brasil

PPB

Luiz Guilherme Piva\*

# A turbulência e os senhores de engenho

*Temos de evitar que um novo ciclo sucroalcooleiro repita o padrão colonial*



Uma semana de depressão e temores. Outra, de euforia e confiança. A última quinzena pôs em tela a bipolaridade das análises sobre a economia brasileira. Primeiro, a preocupação com as oscilações na Bolsa de Valores. Depois, o ufanismo com o etanol e a visita do presidente dos Estados Unidos. Mas nem a primeira semana tinha motivos para o derrotismo sábio ("eu avisei, eu avisei") nem a segunda tinha fundamentos para o otimismo ingênuo ("agora vai"). Nos dois casos, porém, estão em curso processos importantes para as dificuldades e possibilidades do Brasil no próximo período.

A turbulência financeira alarmou os que temiam uma fuga de ativos do Brasil, dada por três fatores: a economia brasileira não é sólida a ponto de reter o capital financeiro; a racionalidade total dos agentes, que, para preservar seus ganhos, vendem suas posições; e a economia internacional pode ingressar em fase de moderação no seu dinamismo e na sua liquidez.

As coisas não são bem assim. Primeiro, a economia brasileira não é nenhuma fortaleza, mas é bem menos vulnerável hoje do que era há pouco tempo. Tem tido saldos em contas correntes, o risco-Brasil caiu, as reservas internacionais são recorde e os ganhos propiciados pelos juros aqui dentro seguem imbatíveis. Segundo, como demonstrou o professor Luiz Gonzaga Belluzzo na Folha de S. Paulo (11/3), a suposição de racionalidade ignora o poder de formar preços e expectativas dos principais agentes (fundos e bancos de investimentos). E terceiro, há indicadores de que o quadro internacional não sofrerá grande mudança no médio prazo.



Há outro aspecto. A redução dos juros reais vem ocorrendo em todas as economias relevantes, exceto — por enquanto e por exagero de nossas autoridades — a brasileira. Isso nos garante o influxo de recursos (mas nos custa muito caro). E, mais importante, sinaliza que há espaço para grande redução de juros reais, porque a alternativa a ganhos tão fartos não existe em nenhum outro lugar. No limite, a massa global de recursos financeiros terá de cada vez mais buscar outros ativos, seja em investimentos produtivos, seja em imobilizações.

Quanto ao etanol, a corrente para a frente imaginou o mundo se rendendo à nossa supremacia e o nosso destino de potência se cumprindo: a terra prometida em que jorrão o álcool e o mel das

canas, motores do novo mundo em substituição ao petróleo.

Também não é bem assim. Não será fácil nos tornarmos potência isolada nesse produto sem que outros países concorram na oferta ou mesmo substituam parcialmente a cana. Há barreiras protecionistas, há tecnologias, há capitais com interesse suficiente para diversificar a produção. Poderemos ser líderes, sim (e isso é ótimo), mas não sozinhos.

Mas há a garapa e o bagaço. Que tipo de organização econômica e social a cana-de-açúcar pode instalar no Brasil? Largas extensões de monocultura de exportação, com poucos proprietários, às vezes um oligarca modernizado, muitas vezes fundos e bancos de investimentos (aqueles mesmos de quatro pa-

rágrafos acima); pouquíssimos empregos (e de baixa qualidade), dado o uso de maquinário; usinas, pesquisas e motores controlados por estrangeiros; corredores de exportação rasgando o território em ferrovias e estradas que transformam a sociedade interna em paisagem; divisas consumidas com importação de produtos de luxo para os grandes proprietários e investidores e (se sobrar algum) para o abastecimento da demanda média e popular, empobrecida pela valorização de ativos reais (de novo, ver quatro parágrafos acima), pela esquálida externalidade da cana, pela desindustrialização em alguns setores e pelo câmbio valorizado (juros altos e enxurada de compradores de etanol).

O desenho acima lembra um pouco nosso ciclo da cana-de-açúcar na época colonial. Mas lembra também os países árabes, com sua aristocracia de xequês e a vasta massa de pobres, tendo ao meio uns poucos ricos e remediados com os bolsos e a mente no exterior. Uma espécie de Ocidente Médio.

Talvez eu exagere. Mas são possibilidades a serem evitadas. A condução dessa produção e dessa tecnologia pode ter outros traços, com internalização de pesquisas, com geração de atividades correlatas de alto valor agregado e espraiamento de efeitos benéficos. Só que isso envolve uma complicada rede de interesses que entrelaça a demanda mundial por etanol e aqueles agentes capazes de determinar os mercados financeiros e econômicos. E, se preciso, também os mercados políticos.

\* Diretor de Finanças da Trevisan e professor da Trevisan Escola de Negócios. Próximo artigo do autor em 27 de março